

SAUDAÇÃO ACADÊMICA (*)

Otacílio Colares

Insigne mestre e nobre amigo, professor Rebouças Macambira:

Abrem-se, hoje, de par, na acolhida festiva e mais que justa, as portas da Academia Cearense de Letras, que muito se honra com passar a ter-vos entre os eleitos da Cultura em terras do Siará Grande.

Reconhecemos, eu e todos os meus ilustres pares, que há muito, deveríeis ter feito vosso ingresso na Casa de Tomaz Pompeu, mas a verdade é que, agora, o fazeis pela entrada franca e luminosa de uma unanimidade que só vos enaltece porque vale como uma espontânea demonstração de um reconhecimento que nada tem de meramente circunstancial, antes, é o justo laurel a coroar uma existência permanentemente dedicada ao estudo, em momento como este que vive o Brasil, e concomitantemente o Ceará, por via do qual as maiorias se vêm deixando enganosamente empolgar com o perigoso fenômeno da predominância tecnológica, em prejuízo de tudo aquilo que a sabedoria e a experiência de séculos sobre séculos munumentalizaram na edificação das chamadas Humanidades.

Entrais para a mais antiga das academias de letras do nosso país, antes de tudo, como um sábio, levada esta palavra a seu exato sentido, qual seja o revelador, no homem, daquele "saber de experiência feito" a que aludia Camões, no texto precioso de sua obra maior — *Os Lusíadas*.

Permitam-me os ilustres colegas de cenáculo uma rápida consideração sobre o espírito das academias. São elas, conforme define Vapereau, "sociedades de letras, de eruditos, de sábios ou artistas, cuja finalidade consiste em formular as regras de uma parte dos conhecimentos humanos, a preservá-las contra o malgosto e as inovações maljustificadas, a reunir trabalhos que as façam progredir".

Provém o hábito das academias da velha e esplêndida Atenas do IV Século antes de Cristo, com o surgimento da chamada "Sociedade dos Sesenta", constituída de seis dezenas de anciãos de reconhecido talento. Suas

(*) Discurso pronunciado quando da posse de Rebouças Macambira, em 17-01-1980.

reuniões tinham por cenário o templo de Hércules, no subúrbio de Diomios. Saindo da pátria-mãe, grega, iremos encontrar no romano Marcial como revelação do espírito acadêmico, a "Schola poetarum", que existiu na Roma antiga, ao tempo dos imperadores, e cujos membros costumavam fazer entre si a leitura de suas obras primas literárias.

No tocante à França, de cujas tradições culturais, proviemos, admite-se ter sido a primeira organização significativa no gênero, na Europa contemporânea, a chamada "Escola do Palácio", ou "Escola Palatina". Fundada sob os auspícios do imperador Carlos Magno, provavelmente por sugestão do sábio oriental Alcuino, que assistia o governante sábio, contava a entidade por membro principal o próprio soberano que, preferindo os livros da vida dos santos aos dos escritores clássicos grego-romanos, adotaria o pseudônimo de Davi, enquanto outros comparsas tomavam nomes aos autores de Atenas e do Lácio. Assim, o citado Alcuino se cognominaria Flaccus e Angilberto, Homero.

A partir de Carlos Magno, em Paris e fora de Paris, abundaram as academias, mas aquela que reponta como a mais significativa no contexto, já não apenas francês mas universal, é aquela que se originou, a partir de 1626, das reuniões que Valentin Conrart, conselheiro do rei Luiz XIII e seu secretário, passou a fazer em sua residência, uma vez por semana, constituída de homens de letras que liam e comentavam francamente seus escritos, em que predominava extrema liberdade de pensamento, se levado em consideração o fato de serem tais letras e letrados abrigados pela munificência do poder absolutista... Dentre outras preocupações desse grupo, uma havia predominante — a discussão da língua e da gramática francesas.

Tão edificantes foram esses primórdios do grupo pioneiro que, por volta de 1629, Armand de Plessus, o cardeal de Richelieu, ciente de que estava a ocorrer na casa de Conrart, por seu secretário, Boisrobert, passou a oferecer àquela sociedade em embrião sua proteção valiosa, isso não sem que os beneficiários, a princípio, se recusassem a receber aquele beneplácito, por assim dizer, real.

A verdade, porém, é que a Richelieu deveu a Academia Francesa sua existência oficial, pois foi sob seus auspícios que, em 1635, foram aprovados seus estatutos pelo chanceler Pierre Seguier. Três anos depois — que tal tempo durou o trâmite da efetivação da carta patente — é que se constituiu em quarenta membros o corpo social da entidade, que passaria a ter intensa atividade, a qual não se interrompeu, mesmo depois da morte do cardeal, pois Seguier, o sucedeu no protetorado, até que Luiz XIV enquadrasse no campo de suas iluminadas ambições a glória de Messenas das letras francesas, patrocinando a instituição. Daí haver sido o velho Palácio do Louvre cedido à Academia para suas reuniões, além da doação de 660 volumes para

formação de uma biblioteca, tendo o rei encarregado seu austero ministro das finanças, Colbert, de estabelecer para cada membro do sodalício um jeton a ser recebido por sessão realizada.

Não será inoportuno informar, para mostrar o prestígio da tradição acadêmica, em França, que, por ordem do Rei-Sol, em 1676, seis lugares seriam reservados aos acadêmicos, todas as vezes em que se dessem espetáculos na Corte, devendo ser-lhes tributadas todas as honras proporcionadas às mais altas personalidades.

Desejando que entre acadêmicos não houvesse desigualdades no tocante a categorias sociais, foi Luiz XIV, por assim dizer, o autor da idéia de criação das poltronas simbólicas — uma tradição que se tornou legendária, como significativa da nobreza intelectual, havendo feito que a sua intendência providenciasse o fabrico de quarenta poltronas, absolutamente iguais para que esse ou aquele determinado membro da instituição não fosse levado a julgar-se algo mais que seus pares. E isso foi feito como represália ao gesto do acadêmico cardeal d'Estrées, que tivera o topete de solicitar para suas abaciais rotundidades um assento especialmente mais cômodo . . .

Perdoai, senhoras e senhores, a digressão informativa, mas o que se desejou com o que foi dito visou a explicar como, nos grandes centros da cultura universal, têm sido de alta linhagem as origens das academias. Daí o cuidado que tais instituições, à base do modelo francês, devem ter na escolha daqueles que se propõem a integrar-lhes o cenáculo.

São as Academias, por tradição, no tocante à cultura humanística, o que foram, nas civilizações clássicas, relativamente à política, os conselhos de anciãos, não devendo admitir-se em tais sodalícios, o aventureiro, isto é, aquele que, sem lastro respeitável de conhecimentos gerais, traduzidos em significativas obras publicadas, procuraram penetrar-lhes os sagrados domínios, sujeitos, aqui e ali, à condenação pelo seu ousio no passo desaconselhável.

Não é esse o vosso caso, mestre Rebouças Macambira. Quem vos conhece o extraordinário currículo sabe-vos, a par de professor emérito, o escritor nato, aquele que, cedo, logrou assenhorear-se da arte de transmitir emoções, num processo permanente de recriação. Daí não assentar-vos, em nenhum passo da vida profissional, o título hoje quase pejorativo de gramático, porque, cedo, muito cedo, enveredastes caminho mais fascinante, se bem que árduo — o da pesquisa bem orientada no campo complexo e multifacetado da lingüística, no qual, atualmente, trabalhais de modo sobranceiro e de molde a transformar vossos acurados estudos em postos avançados de novas perspectivas que se esteiam em obras que já vos projetam o nome para além das fronteiras da província e mesmo da nação, valendo, como atestado as edições renovadas de vosso livro *Português Estrutural* ao longo de cujas quase quatrocentas páginas tanto e tanto inovais, em estudos percucientes,

sobre a estrutura das palavras, do verbo e da oração interrogativa, bem assim outros de subida importância e significação, como essa fascinante tese com que vitoriosamente vos candidatastes à livre docência do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará e que se intitula *A estrutura do polifônio*.

Datada de 1975, essa obra de sabor beneditino, que soma mais de uma centena de páginas, a esta altura tem a seqüenciá-la uma série de novos estudos lingüísticos, valendo destacada, mais recentemente aparecida, uma preciosa obra de perquirição no campo da Arte Poética, *A Estrutura Musical do Verso*, que futuramente, há de constituir autêntico e valioso *vade-mecum*, no campo da versificação, como elemento de consulta.

É preciso verificar, senhoras e senhores, que, quando o professor Rebouças Macambira pesquisa e analisa o fenômeno formal da Poesia, não o faz somente como um estudioso puro e simples, sim, como artista, que a arte do verso não lhe é defesa; antes ele a domina com *donaire*, comportando nas medidas tradicionais, sendo apenas de lamentar que suas produções líricas em vernáculo e da própria lavra, bem assim as excelentes traduções dos mestres da poesia universal, ainda não se tenham compendiado em livro.

Permiti-me, caro colega e amigo que, mesmo ferindo vossa modéstia, realce, nestas simples frases, mais uma faceta de vosso admirável acervo de erudição. Muitos talvez ignorem, ou momentaneamente esqueçam, que sois um poliglota, no que esta palavra pode exprimir domínio aprofundado de todo um elenco de idiomas. Sim, senhores acadêmicos, por fim, após longo trato de tempo, a Academia de Tomaz Pompeu volta a abrigar em seu seio um homem que, a par do grego e do latim, e ainda do sânscrito, tem tráfego livre pelas línguas e literaturas francesa, inglesa, alemã, italiana, espanhola e russa, que há chegado a tanto, na sua vocacional sede de aprender, o espírito evolutivo do linguajar do homem por meio do vasto leque dos idiomas vivos em contínuo evolver.

Por todas estas altas qualidades que vos exornam a personalidade de escol, amigo e mestre Macambira, bem mereceis a simbólica poltrona acadêmica, e mais ainda, e por justiça aos méritos invulgares, a honraria de ocupar a cadeira que tem por patrono a figura por todos os títulos extraordinária de Araripe Júnior, tipo exemplar do humanista, herdeiro de uma alaudorada tradição de inteligência e cultura.

Realmente, preclaro mestre, poucos, dentre nós, que constituímos os quadros da Academia Cearense de Letras, têm a inspirar-lhe os passos exemplo de um homem do porte de romancista nativista e regionalista de *Jacina a Marabá e de Luizinho* e da novela psicológica *Miss Kate*, do reformulador dos moldes da crítica literária e artística no Brasil, com seus amplos estudos, ainda atualíssimos sobre movimentos e figuras mais significati-

vas das nossas letras, isto sem esquecer-lhe na personalidade intelectual o jurista lúcido que, nesse campo, em nada perdeu terreno, frente ao escritor.

Substituis, como novo ocupante da Cadeira 39, um homem que foi, ao mesmo tempo, expressão de escritor e de homem público. Plácido Aderaldo Castelo, magistrado, parlamentar e homem de Estado, o qual, infelizmente, pouco tempo levou de sua vida edificante como acadêmico, ocupante que foi do lugar tornado vago com o desaparecimento de Cruz Filho, uma das mais acrisoladas manifestações da poesia no Ceará, em todos os tempos.

Tendes, assim, mestre Rebouças Macambira, a honra de ocupar uma cadeira por todos os títulos ilustre, pois unida da cultura literária em todas as modalidades expressionais — o romance, a crônica, a historiografia, a crítica literária, a poesia e a problemática ecológica, que tudo isso está implícito na atividade intelectual que vai do patrono aos vossos dois antecessores.

Desse conglobo de coincidências origina-se a aura de satisfação que nos domina, a todos nós da Academia, agora, quando, entre justos aplausos, vos recebemos em nosso seio, certos que estamos de vosso alto descortino e capacidade de trabalho, agora comportados no ideal de atuar, de modo intenso e brilhante, ao nosso lado, no ideário de cada vez mais elevarmos o Ceará no concerto da vida cultural do Brasil.

Sede benvindo mestre: é vossa a casa, estamos felizes e honrados com a vossa presença.